



VARIZO, Z. C. M. História de Vida e o Cotidiano do Professor de Matemática. 1990. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil, 1990.¹

Por Maria Cristina de Costa Trindade Cyrino²

Preocupada com o ensino de Matemática, a autora, além de ensinar esta disciplina, queria ensinar as pessoas a gostar de Matemática. Depois de formada, passou a lecionar Didática e Prática de Ensino da Matemática na universidade, nos cursos de formação de professores. No decorrer de seus mais de 20 anos de atuação, procurou desenvolver em seus alunos uma postura crítico-criativa, para que estes pudessem ser capazes de questionar suas próprias ações; propor soluções e experimentá-las; compatibilizar a seleção de conteúdos, métodos e interação professor-aluno.

No acompanhamento dos alunos na sua iniciação na prática docente, nas escolas públicas, Zafra realiza pequenas experiências de ensino, através da disciplina que leciona. São atividades assistenciais, que atendem às necessidades ocasionais, não provocando qualquer mudança de caráter geral no ensino. Nessas andanças, pode observar os descaminhos pelos quais passa a educação matemática: a distância da universidade e a sala de aula, o medo da disciplina, ansiedade associada a experiências negativas, professores que consideram que a partir da 5^a série os alunos devem ser matemáticos e investigadores e os que limitam o conhecimento matemático, considerando-o como um dom.

Daí vem a preocupação em rever a globalidade do projeto de formação dos professores de Matemática.

Considerando que a prática docente, que vem impregnada das concepções de vida e de Matemática do professor, seja fundamental na realização do ensino, é impossível

¹ Digitalizado por Luzia Aparecida de Souza e João Ricardo Viola dos Santos, alunos do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Estadual Paulista, campus de Rio Claro.

² Aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da UNESP-Rio Claro.

qualquer modificação de ensino sem a alteração desta prática, que é agente do processo de transformação.

Surgiram então as seguintes perguntas: "Qual a influência do conhecimento científico (matemático e pedagógico) adquirido no período de sua formação? Quais as crenças do professor de Matemática acerca do ensino dos seus alunos, e da escola onde trabalha, do ensino de Matemática? Como se formam essas crenças e concepções e como influenciaram no seu fazer pedagógico?". Zaíra considera que a compreensão do cotidiano do professor de matemática requer a compreensão histórica do desenvolvimento do conhecimento matemático e do seu ensino, pois vê a escola como um espaço que se integra à vivência do professor, e a aprendizagem é o produto da relação sujeito-objeto, agindo um sobre o outro.

A partir daí, podemos considerar que a autora se enquadra dentro do terceiro modelo fundamental do processo de conhecimento proposto por Schaff (1986), em que o conhecimento matemático não é estático, apoiando-se na idéia da interação do conhecimento, mantendo a existência objetiva do real.

Sendo assim, ela faz um ligeiro retrospecto do desenvolvimento histórico da Matemática, salientando as relações entre construção do conhecimento matemático e a sociedade.

Na tentativa de compreender a prática docente dos professores de Matemática, a autora se propôs a ler o cotidiano do ensino de Matemática a partir da história de vida destes professores e compreendê-lo dentro da história da produção do conhecimento matemático e da dinâmica de seu ensino.

Para isso, optou por desenvolver sua pesquisa recorrendo a procedimentos etnográficos, cujos dados foram coletados através de pesquisa participante, entrevistas semi-estruturadas e não estruturadas, e de análise de documentos.

Foram sete os professores pesquisados, todos com licenciatura plena em Matemática, atuando em 4 escolas públicas de 1º e 2º graus de Goiânia (centrais e periféricas).

Cada professor pesquisado foi considerado a partir de sua história de vida: origem familiar, experiências, formação profissional; do seu fazer pedagógico: discurso

pedagógico referente à escola, alunos, Matemática, ensino de Matemática, programa, planejamento e livro didático; e ritual pedagógico: desenvolvimento das aulas, provas, cumprimento do horário, recuperação; sempre relacionando com o cotidiano social mais imediato.

A partir daí, em sua análise, a autora constatou que os procedimentos de ensino dos professores pesquisados se constituem de três ações básicas: mostrar, repetir e praticar, demonstrando uma visão fragmentada, descontextualizada e mecanicista do conhecimento matemático. Eles não questionam suas próprias ações; tampouco, propõem soluções para melhoria do aprendizado.

Os critérios de escolha dos livros didáticos foram linguagem simples e muitos exercícios, que mais tarde seriam pedidos em prova.

Em quase todos os depoimentos, os professores disseram que "aprenderam a lecionar lecionando", observando outros professores em sala de aula, e com seus próprios professores durante sua formação, acusando-os pela falta de articulação entre as disciplinas específicas e pedagógicas e, o descomprometimento das disciplinas pedagógicas com a realidade.

Apesar de reconhecerem as dificuldades pelas quais passavam as escolas públicas de Goiânia no período pesquisado (2º semestre de 1988 e 1º semestre de 1989), quando ocorriam greves, pagamentos atrasados, evasão de alunos e de professores, suspensão de aulas após o recreio, professores que pagavam a terceiros para ministrarem suas aulas, etc..., os professores pesquisados culpavam os alunos pelo fracasso escolar, pautando-se em falsas premissas (desinteresse, falta de base, etc...).

Na realidade, o que Zaíra observou foi que os professores têm dificuldades em lidar com o real, não têm compreensão globalizante da educação, não estabelecem articulação dos conteúdos, dentre outras coisas. Relatou a vontade que as crianças têm de apreender, "de conhecer o caminho do saber, que lhes abriria as portas do mundo".

Por fim, Zaíra vê ante de si uma realidade que, como professora de Didática, não tinha observado, dizendo : "... hoje diria que sabia de ver, mas agora conheço de sentir ...".

Em seu trabalho, a autora procurou a todo momento fazer com que nos sentíssemos como um membro do grupo pesquisado, levando-nos a refletir sobre seu contexto. E esse,

segundo Menga (1986), é um dos princípios básicos de uma pesquisa etnográfica.

Conclui, então, que, se a formação do professor de Matemática é necessária, ela não é suficiente para transformar totalmente o quadro do ensino de Matemática, mas é possível que mudanças nas relações internas impliquem mudanças no quadro geral.